

RASCUNHOS SOBRE EXPERIÊNCIAS COM O TEATRO E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NO AUTISMO

BORRADORES SOBRE EXPERIENCIAS CON EL TEATRO Y EL DESARROLLO DE HABILIDADES SOCIALES EN EL AUTISMO

Fabrizio Goulart Moser

fabriciomoser@usp.br

Universidade de São Paulo – USP

Resumo

Este texto apresentará alguns rascunhos de uma articulação teórico-prática que vem sendo elaborada em mais de uma década de atividades teatrais com públicos neurodiversos, especialmente autistas, entre crianças, jovens e adultos, em instituições, projetos e eventos plurais. Com este objetivo, contextualizarei neste texto algumas vivências práticas e referências teóricas que, a partir da graduação, passaram a sustentar o planejamento das minhas atividades teatrais nos mais variados contextos, sejam eles artísticos ou culturais, na educação ou na saúde. Desse modo, se desenhará aqui uma das percepções que surgiram durante este percurso: que fazer teatro, além de promover as nossas habilidades artísticas, é um meio assertivo, conforme preceitos da psicologia, de estimular as nossas habilidades sociais, o que faz da atividade uma alternativa para ajudar no desenvolvimento global de pessoas no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Palavras-chave: Teatro, Jogo, Neurodiversidade, Autismo, Habilidades Sociais.

Resumen

Este texto presentará algunos borradores de una articulación teórico-práctica que ha sido elaborada durante más de una década de actividades teatrales con públicos neurodiversos, especialmente autistas, entre niños, jóvenes y adultos, en instituciones, proyectos y eventos diversos. Con este objetivo, contextualizaré en este texto algunas experiencias prácticas y referentes teóricos que, luego de graduarme, comenzaron a sustentar la planificación de mis actividades teatrales en los más variados contextos, ya sean artísticos o culturales, en educación o salud. De este modo, se delinearé aquí una de las percepciones que surgieron durante este trayecto: que hacer teatro, además de promover nuestras habilidades artísticas, es un medio efectivo, según los preceptos de la psicología, para estimular nuestras habilidades sociales, lo que convierte a la actividad en una alternativa para ayudar en el desarrollo global de personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA).

Palabras-clave: Teatro, Juego, Neurodiversidad, Autismo, Habilidades Sociales.

INTRODUÇÃO

Este texto apresentará alguns rascunhos de uma articulação teórico-prática que vem sendo elaborada em mais de uma década de atividades teatrais com públicos neurodiversos,

especialmente autistas, entre crianças, jovens e adultos, em instituições, projetos e eventos plurais. Tal articulação reflete parte menor de uma investigação de cunho pessoal que é muito mais duradora e abrangente e tem por propósito principal estudar, fundamentar e difundir os vínculos produtivos entre as artes da cena, o teatro, a educação e a saúde. Desse modo, se desenhará aqui uma das percepções que surgiram durante o percurso desta pesquisa maior: de que fazer teatro, além de promover as nossas habilidades artísticas, é um meio assertivo, conforme preceitos da psicologia, de estimular as nossas habilidades sociais, o que faz da atividade uma alternativa para ajudar no desenvolvimento global de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Com este objetivo, contextualizarei neste texto algumas vivências práticas e referências teóricas que, a partir da graduação, passaram a sustentar o planejamento das minhas atividades teatrais nos mais variados contextos, sejam eles artísticos ou culturais, na educação ou na saúde. Tal proposta de conexão teórico-prática ainda se fundamentará em estudos de referência a respeito da cultura, do teatro e da psicologia para apresentar alguns conceitos chave que são importantes como, por exemplo, neurodiversidade, autismo, habilidades sociais, jogo e jogo teatral. Alguns relatos a respeito de experiências práticas, como a descrição e comentários sobre jogos teatrais, auxiliarão na construção do argumento sobre o qual se estrutura e apresenta este texto: de que fazer teatro de maneira continuada ajuda naturalmente as pessoas no desenvolvimento de suas competências sociais e que, portanto, também pode favorecer a construção de uma conduta mais autônoma de pessoas com TEA.

Esta ideia de aplicação do teatro, que além de artística é, em algum nível, educacional e terapêutica, começou a tomar forma com o meu ingresso na equipe do Instituto Priorit, no Rio de Janeiro, um centro especializado no atendimento transdisciplinar de autistas e de outros públicos neurodiversos. Entre 2012 e 2020 e em 2023 ministrei aulas de teatro nesta instituição como uma atividade em grupo complementar as terapias individuais utilizadas com estes públicos, como a psicologia, a fonoaudiologia e a terapia ocupacional. Durante todo este período participei continuamente das reuniões de equipe, onde eram realizados estudos sobre o autismo, discutidos casos clínicos e os aspectos operacionais do trabalho transdisciplinar em uma equipe multiprofissional. As aulas de teatro eram semanais, com 45 minutos de duração, individuais ou em grupos de até 6 pessoas, sendo exceção os grupos de jovens e adultos que chegavam a 15 integrantes. Para ajudar na condução destas atividades se contava geralmente com monitores,

universitários que participam desempenhando funções de mediação, modelo e apoio aos participantes.

Antes disso eu já havia trabalhado de maneira transdisciplinar com o teatro em situações similares, no que se refere a atuação em equipes multiprofissionais, com agentes da saúde e educação, para públicos específicos. Nestes casos o objetivo era criar através da atividade teatral espaços de pertencimento para a melhora da autoestima, da convivência social e da qualidade de vida dos participantes. Desse modo, em Dourados, em Mato Grosso do Sul, entre 2007 e 2009, junto a equipe do Grupo de Apoio aos Povos Guarani Kaiowa (GAPK), conduzi semanalmente uma oficina de teatro e um laboratório de criatividade para crianças, jovens e adultos integrantes da Associação de Jovens Indígenas (AJI). Ainda entre 2008 e 2009, como instrutor de atividades terapêuticas, ofereci aulas de teatro aos usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e do CAPSAd (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas), ocasião em que tive o primeiro contato com um raciocínio clínico e anamneses e comecei a atuar com pessoas neurodiversas.

Posteriormente, de forma simultânea à atuação no Priorit no Rio de Janeiro, continue explorando a interação entre habilidades artísticas e sociais em projetos locais, nacionais e internacionais com públicos neurodiversos e com pessoas com deficiência. Em sua maioria, estas atividades culturais se desdobraram em oficinas acessíveis de teatro ou audiovisual, que sempre tiveram muita procura e foram viabilizadas através de editais públicos ou por instituições privadas. Neste percurso ainda fiz teatro com um grupo de crianças com Altas Habilidades/Superdotação, circulei por dezenas de cidades no Brasil e em Portugal realizando oficinas sobre estas vivências e, a partir de 2018, me tornei consultor independente e professor nas pós-graduações sobre Autismo, TDAH e Terapia Ocupacional do Child Behavior Institute (CBI) of Miami, onde coordeno a especialização em Artes Aplicadas na Promoção da Saúde, criada por mim no ano de 2022.

Nos primeiros anos em que atuei junto ao Priorit a instituição passou pela estruturação da sua metodologia de trabalho, o que me motivou a buscar referências teóricas e a reavaliar as atividades teatrais que eu vinha realizando nos últimos anos em diferentes instituições, projetos e eventos. Passei a refletir atentamente sobre como as práticas teatrais que eu vinha propondo se articulavam com as práticas da saúde que coabitam e atuam nestes espaços, e ainda, com as outras atividades educacionais, esportivas e artísticas que geralmente também estão presentes nestes contextos e eram oferecidas no instituto, como a psicopedagogia, a psicomotricidade, a capoeira, o

judô, a música e a dança. Neste movimento de aproximação, pude conhecer de maneira mais detalhada alguns conceitos, objetivos, ferramentas e estratégias usadas por estas áreas da saúde e da educação para promover o desenvolvimento global de pessoas com TEA e encontrei, em diálogo com o campo da psicologia, um conceito que, em certo nível, se articulou de modo muito natural com o teatro e seu fazer: o Treinamento de Habilidades Sociais.

AUTISMO, NEURODIVERSIDADE E TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS

No recente artigo *Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão* (2023), as psicólogas Ana Gabriela Rocha Araujo, Mônia Aparecida da Silva e Regina Basso Zanon, ajudam a caracterizar as pessoas com TEA desde um ponto de vista histórico e social. Como destacam as autoras, o autismo se manifesta de forma muito singular em cada indivíduo, suas causas “são multifatoriais, envolvendo a interação de aspectos neurobiológicos e ambientais” e tem “fortes indícios de causas genéticas”, e se identifica na pessoa por questões particulares no “desenvolvimento sociocomunicativo e padrões comportamentais”, domínios que impactam a autonomia e a convivência de uma pessoa em uma sociedade que é extremamente padronizada e capacitista. Como mostra o texto, há muito debate sobre o TEA, sendo que anteriormente, na primeira metade do século XX, ele chegou a ser classificado como uma patologia e só muito recentemente passou a ser compreendido como mais uma das condições neurobiológicas presentes na diversidade humana (2023, p.1).

Conforme o mesmo estudo, essas mudanças na compreensão do autismo acompanharam o surgimento do movimento da neurodiversidade, uma “contraproposta à ideologia de divisão entre normal e anormal ou patológico, na contramão do modelo médico e do discurso de eugenia até então vigente”. Conforme registram as pesquisadoras, o movimento luta por direitos e combate estigmas sobre o TEA e outras condições neurológicas, advertindo a sociedade que não se tratam de doenças que necessitam de cura, constituem a “identidade” da pessoa, de seu modo de ser, pensar e se relacionar com o outro e o mundo. O termo foi cunhado pela autista e socióloga australiana Judy Singer em um texto de 1998 e, atualmente, abrange “um grupo heterogêneo” de “padrões neurológicos distintos”, como o autismo, o “transtorno bipolar, o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, a síndrome de Torette, dislexia, epilepsia e a síndrome da apraxia infantil” (2023, p. 3).

Em sintonia com o movimento da neurodiversidade e com uma visão mais apurada das características e demandas específicas das pessoas com TEA, passei a buscar diálogos efetivos entre as minhas práticas teatrais e as das áreas da saúde e educação que tradicionalmente atuam para auxiliar no desenvolvimento destes públicos. Nesta procura, os estudos da psicologia se mostraram um terreno fértil para estabelecer relações teórico-práticas com os estudos das artes cênicas e do teatro, sendo possível articular de maneira orgânica diversos conceitos e vivências entre estes dois campos. Na abordagem da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), o conceito de Habilidades Sociais (HS), e o seu treinamento, é uma destas ferramentas usadas pela psicologia para ajudar as pessoas no amadurecimento social, comunicacional e comportamental, e que, por ser utilizado no Priorit como referência para o desenvolvimento destas áreas nas pessoas no TEA, se converteu, da mesma forma, em um guia para o planejamento, execução e avaliação das minhas atividades teatrais com estes mesmos públicos.

Em sua obra *Manual de Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais* (2003), o psicólogo e pesquisador espanhol Vicente Caballo aborda o conceito através de uma extensa e profunda revisão de literatura. Em meio ao complexo debate sobre a definição do termo, o autor caracteriza em certo momento as Habilidades Sociais como:

Conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos desse indivíduo de modo adequado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais, e que geralmente resolve os problemas imediatos da situação enquanto minimiza a probabilidade de futuros problemas. (CABALLO, 2003, p. 6)

Vicente Caballo ainda explica que as Habilidades Sociais ficam evidentes através dos comportamentos da pessoa, na forma como ela age ou reage quando exposta a uma situação em específico, e pode ser avaliada de três formas: agressiva, passiva, assertiva. Como ensina o autor, a avaliação de um “comportamento socialmente hábil” é bastante flexível e variável, deve ser considerado sempre “dentro de um determinado contexto” e depende de uma série de fatores, como “idade, sexo, classe social e educação”, “valores, crenças, capacidades cognitivas e estilo de interação”, além da “experiência do indivíduo”. Nesse sentido, ele afirma que é possível que a pessoa aprenda “as habilidades que não possui” em um determinado momento ou “que encontram sua manifestação impedida por outros fatores (ansiedade, pensamentos negativos, etc)”, e assim melhore a sua autoestima e a sua interação social com os demais e o mundo, trazendo benefícios para a sua saúde de uma maneira global (2003, p. 12/3).

As Habilidades Sociais, segundo Vicente Caballo, podem ser divididas em seis áreas, sendo a primeira da Comunicação, que se refere a base da interação e envolve elementos fundamentais do seu processo, como iniciar e manter uma conversa, saber fazer perguntas e respondê-las, elogiar, gratificar, pedir e receber orientações. As HS de Civilidade dizem respeito às interações curtas, como cumprimentos, e inclui a capacidade de agradecer. As HS de Enfrentamento se referem a tomada de posição, manifestação de opiniões respeitando concordâncias e discordâncias, admitir erros, se desculpar, fazer, aceitar e recusar pedidos, expressar sentimentos e lidar com críticas. O grupo das HS Empáticas dizem respeito à capacidade de reconhecer sentimentos e se identificar e expressar apoio pela perspectiva de terceiros. As HS de Trabalho tratam das posturas que facilitam a resolução de problemas, o gerenciamento de pessoas e equipes, a coordenação de grupos, tomadas de decisões, mediação de conflitos, falar em público e resolver questões interpessoais. Por fim, as HS de Expressão de Sentimento Positivo caracterizam as pessoas que tem comportamento bondoso, com capacidade de fazer amizades, expressar solidariedade e cultivar sentimentos positivos, como amor e carinho.

Além de debater as HS, Vicente Caballo reúne nesta extensa obra uma série de dinâmicas e exercícios para o seu treinamento, vivências baseadas em evidências que ajudam no amadurecimento sociocomunicativo e comportamental das pessoas em diferentes momentos da vida. Muitas destas dinâmicas se assemelhem a exercícios teatrais, pois exigem dos participantes a representação de papéis e personagens variados e os envolvem diretamente na resolução de problemas que ocorrem em diferentes cenários e situações cotidianas. Neste sentido, o estudo teórico-prático das HS e de seu treinamento começaram a dialogar de maneira teórico-prática com as minhas ideias e atividades teatrais, proporcionando um tipo de relação com as áreas da saúde e da educação, no sentido de promover de maneira transdisciplinar o amadurecimento global de pessoas no TEA.

JOGO, TEATRO E JOGO TEATRAL

Esta articulação da atividade teatral com a psicologia e as HS focada no desenvolvimento sociocomunicativo e comportamental de pessoas autistas aconteceu de forma natural, por que as minhas ideias sobre o teatro estavam fundamentadas em torno da noção de jogo, uma herança das experiências no curso de Artes Cênicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio de

Grande do Sul. Entre os anos de 2002 e 2006, em projetos de ensino, pesquisa e extensão, estudei as relações produtivas entre o teatro e o jogo, como no Tau do Claun, grupo de pesquisa da palhaçaria e técnicas circenses que foi liderado por Rozane Cardoso e onde atuei com fomento do Fundo de Incentivo a Pesquisa (FIPE/UFSM). Esta mesma perspectiva de conexão foi experimentada ainda em diversos projetos de criação artística, especialmente em meu monólogo de formatura, que foi orientado por Adriana Dal Forno com fomento do Fundo de Incentivo a Extensão (FIEX/UFSM) e que resultou na peça “Dom Quixote” e na monografia de conclusão de curso *A Trajetória Cênica de Dom Quixote composta pelo Jogo do Ator* (2006).

Neste processo de formação, comecei a compreender os vínculos entre teatro e jogo através da leitura da obra *Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura* (2000), do historiador holandês Johan Huizinga. Nos capítulos deste livro fundamental, o autor debate a natureza e o significado do jogo através de uma perspectiva histórica, colocando no horizonte diversas reflexões sobre o tema para defender a tese de que a atividade lúdica é “algo inato ao homem e mesmo aos animais” e uma “categoria absolutamente primária da vida”. Através deste viés, ele demonstra o poder seminal do jogo e o localiza como um fenômeno anterior a “cultura, tendo esta evoluído” dele, o que quer dizer, nos mesmos termos, que o jogo não mais um elemento da cultura, é sim o elemento que forma a cultura humana, portanto, rege as relações sociais (2000, p. 3/5).

Johan Huizinga explica que o objetivo do seu estudo é destacar a “função social” do jogo, o que significa valorizar a relevância do lúdico no processo de construção das relações interpessoais que sustentam a sociedade. Para ilustrar a ideia de que o jogo é um “fator cultural da vida”, o autor demonstra como ele “está presente em tudo que acontece no mundo” e que é nele e através dele “que a civilização surge e se desenvolve”, tendo o jogo gerado e marcado ao longo da história diversas manifestações humanas, como a linguagem, a poesia, o direito, a guerra e o teatro. Dessa forma, ele sintetiza as características básicas do jogo e aponta que um de seus aspectos fundamentais é a representação:

Atividade livre, conscientemente tomada como 'não séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublimarem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. A função do jogo, nas formas mais elevadas que aqui nos interessam, pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele

encontramos: uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a “representar” uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa. (HUIZINGA, 2000, p. 8)

Por meio do raciocínio de Johan Huizinga ficam evidentes as relações entre o teatro, o jogo e o social, todos operam através do fator lúdico, a ponto de lembrarmos que, em sua essência, a vida poderia ser vista como um complexo jogo ou uma grande peça de teatro. Se para o autor é possível pensar que a sociedade, que existe de uma maneira concreta através das relações interpessoais, nasceu do jogo e se, como illustrei anteriormente, o teatro é jogo, então é possível concluir que na atividade teatral jogamos não apenas com nossas habilidades artísticas, mas também com nossas competências sociais. Como ele observa, o jogo tem suas bases “na manipulação de certas imagens, em uma certa “imaginação da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens)”, tal qual acontece com o teatro, onde a atividade lúdica opera com essa categoria fundamental do pensamento humano, a imaginação, que é a chave para a representação e pode ser também para a compreensão de si, do outro e do mundo em que vivemos (2000, p. 7).

No campo das artes cênicas e dos estudos teatrais, o jogo sempre foi um conceito norteador para diversas investigações que buscam destacar as suas relações com a cultura, a sociedade, a educação e a saúde, gerando diversas obras de referência como *Jogo, Teatro e Pensamento* (1968), do pedagogo teatral inglês Richard Courtney. Durante a primeira metade do século XX, a pedagoga teatral americana Viola Spolin utilizou os termos jogo e teatro de forma articulada e, a partir da atuação em contextos sociais, como escolas, institutos, comunidades, estruturou a didática do Jogo Teatral. Entre suas obras de referência está *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin* (2006), onde a autora apresenta este conceito e sua metodologia, além de uma gama de atividades que podem ser alternativas para auxiliar em processos educacionais.

Por meio do jogo e de soluções de problemas, técnicas teatrais, disciplinas e convenções são absorvidas organicamente, naturalmente e sem esforço pelos alunos. Jogos teatrais são ao mesmo tempo um simples divertimento e exercícios teatrais que transcendem ambas as disciplinas para formar a base de uma abordagem alternativa para o ensino/aprendizagem. (SPOLIN, 2006, pg. 20)

Em outro livro, *Jogos Teatrais* (2006), Ingrid Dormiem Koudela, pedagoga teatral brasileira e professora da Universidade de São Paulo (USP), responsável pela tradução e difusão da obra de Viola Spolin no Brasil, comenta a visão da pedagoga americana sobre o conceito de Jogo Teatral, seu fator lúdico e simbólico e o seu viés social,

O processo de atuação no teatro deve ser baseado na participação em jogos. Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve sua liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. A medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em um jogador criativo. Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser solucionado é o objeto do jogo. As regras do jogo incluem estrutura (Onde, Quem, O que) e objeto (Foco) mais o acordo em grupo. (KOUDELA, 2006, pg. 43)

Neste sentido, o Jogo Teatral desenvolve a capacidade criativa, a iniciativa e a autonomia do sujeito, que na cena inventa modos de agir, proporcionando, naturalmente, um treinamento das habilidades de comunicação e interação. O teatro, quando coloca o sujeito no papel de ator e espectador diante de situações sociais abre espaço não só para o desenvolvimento de um comportamento espontâneo, mas também para a criação de um olhar perspicaz, crítico sobre a cena, um saber que quando usado no cotidiano de maneira efetiva ajuda a pessoa a pensar antes de agir e a obter uma conduta mais assertiva. Por meio do fazer teatral o participante trabalha criatividade, espontaneidade e intuição e experimenta comportamentos, formas de comunicação e de interação com os demais, conhecendo ferramentas sociais que são essenciais para a construção da sua autonomia.

JOGOS TEATRAIS E HABILIDADES SOCIAIS: RASCUNHOS TEÓRICO-PRÁTICOS

Os jogos estão presentes em diversos processos, artísticos, culturais, educacionais e terapêuticos, e a noção de sua estrutura permite escolher posições, construir relações e definir objetivos em comum entre o fazer teatral e a psicologia e as Habilidades Sociais. O entendimento do fator lúdico se tornou fundamental para observar as relações que poderiam ser estabelecidas entre estes termos e perceber como o trabalho articulado sobre essas áreas através do teatro pode promover saúde, bem-estar e melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo. O teatro e a sociedade têm raízes no fator lúdico, se organizam através de estruturas coletivas e são sustentados em colaboração mútua por meio de uma linguagem de comunicação que é compartilhada, criam e recriam modelos de ação e suas convenções, como no jogo.

A arte teatral se estrutura através de uma linguagem e o seu ensino e aprendizado acontece, exclusivamente, por meio de uma experiência autônoma, do fazer. No teatro, a cena é um sistema complexo de convenções, códigos, signos e sinais, criada intencionalmente para gerar comunicação entre os seus participantes e entre os atores e público. A serviço das imagens, ideias, sensações,

sentimentos, a encenação teatral articula, no espaço e no tempo, os componentes cenográficos, os desenhos sonoros e visuais, a dramaturgia, entre outros elementos fundamentais, como a expressividade dos atores, que é um dos cerne de sua linguagem e comunicação e um fator que exerce grande influência sobre a arte-terapia e o teatro em/e educação. Diferentes campos da ciência observam que os autistas tendem a ter prejuízos sociais por conta da singularidade de seus padrões de comunicação e comportamento, que são considerados atípicos, competências que podem ser exercitadas e aprendidas organicamente através dos jogos teatrais.

O jogo, como o teatro, é um espaço abstrato da concreta experiência humana, que por sua forte função social provoca uma eficiente e prazerosa convivência coletiva com base na criação e desenvolvimento de uma linguagem de interação compartilhada. Uma aula de teatro é um espaço social por natureza, no qual o aluno permanece em contínuo estado de jogo com os demais, se revezando no papel de ator e de espectador, o que torna esse tipo de encontro um espaço propício para exercitar, de forma lúdica, comunicação, comportamento e interação, as relações e a empatia. Através do teatro pessoas diagnosticadas com autismo, ou não, podem conhecer a si mesmas e aos outros e exercitar as suas habilidades sociais, a criatividade e espontaneidade através da imaginação e da ação autônoma, compreendendo melhor o mundo em que vivemos para poder agir de maneira assertiva e com qualidade de vida.

Nas aulas de teatro os alunos são estimulados a participar de jogos individuais e coletivos, a vivenciar técnicas para o treinamento de atores e a improvisar situações dramáticas similares ou não ao seu cotidiano, a representar emoções, personagens e papéis sociais e a experimentar outras perspectivas de vida, um exercício de criatividade, espontaneidade e empatia. Além disso, ao desempenhar o papel do ator, estes participantes podem vivenciar uma parte fundamental da prática do teatro, que consiste em estudar continuamente a si mesmo, usar dos exercícios para melhorar o seu desempenho na cena e na vida e aperfeiçoá-lo através do ensaio. Por um outro lado, ocupando a posição de espectador, o participante é estimulado a ler a cena, a desenvolver um olhar analítico que relacione e interprete os atos e palavras, olhares e posturas, falas e gestos, expressões e reações, condutas e comportamentos, formas e cores, um saber com impacto funcional e assertivo para a qualidade da vida e das relações sociais cotidianas.

A condição da presença e do trabalho do ator sobre si na dinâmica e complexa estrutura teatral, que envolve ainda aperfeiçoar o seu olhar de espectador, traz benefícios para o

desenvolvimento global do indivíduo. Como comprovam pesquisadores de todo mundo, a participação numa aula de teatro evoca a atenção compartilhada sobre uma linguagem, ao mesmo tempo que aborda questões emocionais, estimulando habilidades artísticas, criativas e espontâneas, e também, naturalmente, habilidades sociais, de comunicação e de interação, um benefício especial para pessoas com TEA. Teatro é a arte da ação e ação é comportamento, o ator e o espectador agem intencionalmente, como o sujeito no curso da vida em direção aos seus desejos, desse modo, através da prática teatral o ser humano adquire uma atitude autônoma e um pensamento flexível, por que exercita a ação e a empatia e compreende melhor a si e ao outro no mundo em que vivemos.

A fim de que o indivíduo consiga se integrar socialmente de modo assertivo é possível estimular outros elementos da linguagem, a expressividade, entonação, intensidade e articulação da voz, as posturas e gestos, o contato visual e a expressão facial, o que pode ser feito organicamente nos jogos teatrais. Através das aulas de teatro, da criação de diversas cenas e personagens o aluno pode experimentar diferentes padrões e estilos de comunicação, levando em conta fatores como, por exemplo, sexo, idade, papel ou classe social, educação e até religião. Para avaliar se um comportamento é hábil, a pessoa com autismo pode recorrer ao que aprendeu nas aulas de teatro, com a experiência de espectador ao interpretar as cenas, relacionando o conteúdo e o contexto, as causas e consequências daquilo que observa. Na medida em que muda o espaço e o tempo muda a representação, como é no teatro é na vida, mudamos a forma como agimos dependendo do contexto e das situações se estabelecem, não temos o mesmo comportamento todos os dias, sozinho em casa ou no trabalho, dando uma palestra ou numa festa da empresa.

É possível observar na cena teatral quais inabilidades do ator estão prejudicando a sua atuação, a ansiedade ou a dispersão, a falta de contato visual ou de ritmo, a agitação psicomotora e a dificuldade de articulação vocal, entre outros elementos. Todos estes aspectos podem ser treinados e aperfeiçoados por meio de exercícios teatrais específicos, como os jogos teatrais e alguns exercícios específicos para atores ou de improvisação, melhorando a sua atuação no palco e na vida. Como numa peça de teatro, a cena é um espaço onde as dificuldades sociais ficam evidentes quando encenamos o cotidiano, em uma ida ao cinema, por exemplo, a falta de autonomia para comprar um ingresso na bilheteria pode ser trabalhada através da cena improvisada, como por diversas vezes pude vivenciar com crianças, jovens e adultos nas aulas de teatro.

As aulas de teatro criam ambientes para o exercício das habilidades artísticas e sociais dos alunos, o propósito não é encenar espetáculos, embora isso aconteça naturalmente com alguns grupos. O principal objetivo neste caso não é formar atores, mas fazer com que as pessoas experimentem na cena comportamentos hábeis e inábeis, lidando com as reações que estas condutas provocam nos outros. Oferecer os benefícios da linguagem teatral para a formação do indivíduo em sintonia com a possibilidade de treinar e aperfeiçoar a sua capacidade de se comunicar e de interagir socialmente com mais autonomia e assertividade. Por este viés, os encontros semanais são mobilizados em grupo, a partir de atividades lúdicas, exercícios para o treinamento de atores, laboratórios de criatividade, jogos teatrais e dinâmicas de improvisação, criação e ensaio de cenas dramáticas.

Os jogos teatrais aplicados nas aulas de teatro seguem objetivos terapêuticos, colocam o aluno em situação comunicativa e sócio interacional e exigem o uso de suas faculdades expressivas, recursos vocais e gestuais, aliados ao improviso. Essas dinâmicas sensibilizam os participantes sobre as suas possibilidades motoras e emotivas, para seu esquema corpóreo-vocal e para a faculdade de projetá-los na comunicação durante a atuação. Dessa forma, muitos elementos da expressividade, como a atividade dialógica, a alternância da fala, a intensidade, a entonação e a ênfase da voz, as pausas e o ritmo, os tipos de posturas, qualidades de movimentos e gestos, são experimentados em diferentes exercícios na prática do teatro. Por exemplo, um jogo popular bastante conhecido, como o do telefone sem fio, envolve a pessoa e a coloca em um espaço de aprendizagem onde deverá se comunicar, levar um recado a outra pessoa e modular a voz como em uma situação social corriqueira.

Em um jogo teatral complexo, como na cena improvisada aonde a pessoa vai até o supermercado para realizar uma compra, mas que não pode utilizar a linguagem verbal, a linguagem gestual é desafiada. Ainda em outra dinâmica os participantes precisam sustentar um diálogo saltando entre diferentes quadrados espalhados no espaço: para cada um deles, uma intensidade de voz pré-determinada: baixo, normal, alto, devagar ou rápido. A forma como o indivíduo manifesta a sua expressividade impacta diretamente na qualidade da sua interação social e o teatro é um espaço social prazeroso para ele experimentar diferentes formas de comunicação de maneira lúdica. Durante a aula de teatro o aluno acaba lidando com diversos elementos das Habilidades Sociais, seja numa cena em que ele deve entrevistar pessoas, ou em outra em que ele testemunha

um grave acidente, ou ainda quando ele é o gerente de uma loja e precisa lidar de maneira assertiva com os conflitos de seus com funcionários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, A. G. R., SILVA, M. A. da., & ZANON, R. B. (2023). **Autismo, Neurodiversidade e Estigma: Perspectivas Políticas e de Inclusão**. *Psicologia Escolar E Educacional*, 27, e247367. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>
- CABALLO, Vicente. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos Livraria e Editora Cavalieri, A.M., 2003.
- COURTNEY, Richard. (1968) **Jogo, Teatro e Pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais – o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

Artigo submetido em 15/03/2024, e aceito em 11/04/2024.